# Caxemira: conflito no "teto" do mundo

A Caxemira é uma região histórico-geográfica cujos limites não são muito precisos e situa-se no contato entre a Ásia central fundamentalmente muçulmana e os mundos indiano e chinês. Com território de aproximadamente 220 mil km² (pouco menor que o estado de São Paulo), abriga cerca de dez milhões de habitantes e está dividida entre a Índia, o Paquistão e a China. Na prática, ela é constituída por um conjunto heterogêneo de seis entidades bem distintas, no interior das quais as realidades políticas, étnicas, religiosas e linguísticas são bastante variadas.

A chamada Caxemira "indiana" corresponde ao estado de Jammu-Caxemira, tem pouco mais de 100 mil km², população de aproximadamente 6,5 milhões e é o único estado da Índia onde a maioria da população, cerca de 85%, é constituída por muçulmanos. Desde o final da década de 1980, a região tem sido palco de movimentos separatistas particularmente violentos.

Essa parte da Caxemira pode ser dividida em três regiões distintas. A primeira delas corresponde ao vale do rio Jhelum, núcleo histórico da Caxemira, onde se localiza a cidade de Srinagar, sua capital e principal cidade. A população dessa área é estimada em três milhões, e os muçulmanos de rito sunita correspondem a mais de 90% do efetivo populacional regional.

A segunda é a região de Jammu, situada na parte meridional da Caxemira, vizinha ao estado indiano do Punjab. É uma área nos contrafortes do Himalaia, povoada por quase três milhões de pessoas, das quais aproximadamente dois terços professam o hinduísmo. A terceira área da Caxemira indiana é conhecida como Ladakh e corresponde a uma região muita acidentada, fracamente povoada (cerca de 150 mil habitantes), cujos habitantes, em sua maioria, são de cultura tibetana e professam o budismo. Existe ainda nessa área uma significativa minoria muçulmana.

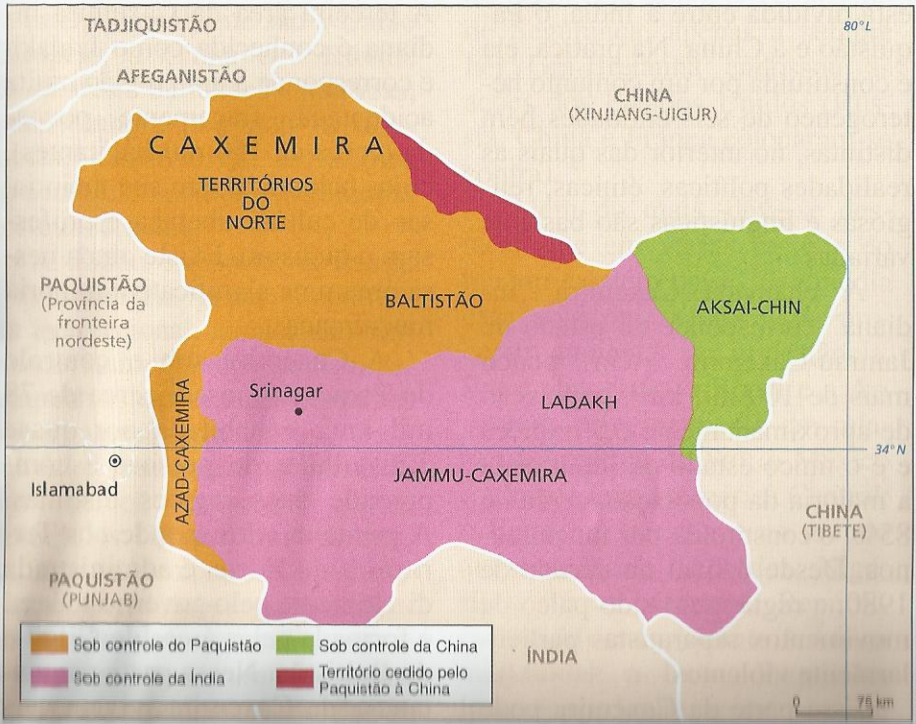
A Caxemira sob o controle do Paquistão possui cerca de 78 mil km², é habitada por quase 3,5 milhões de pessoas e compreende duas regiões distintas. A primeira corresponde aos Territórios do Norte, é administrada diretamente pelo governo federal e formada pelas áreas de Gilgit e do Baltistão. Nessa parte paquistanesa da Caxemira, vivem cerca de 600 mil pessoas, a maioria

formada por muçulmanos de rito xiita.

A segunda área da Caxemira paquistanesa é conhecida como Azad-Caxemira (Caxemira Livre), com extensão de 13 mil km² e população pouco inferior a três milhões de pessoas. Em sua maior parte, são muçulmanos xiitas. Ela tem condição político-administrativa muito peculiar: dispõe de Constituição e parlamento próprios, é dirigida por um primeiro-ministro e beneficia-se de autonomia relativa em relação aos poderes legislativo, executivo e judiciário. Todavia, os aspectos ligados à defesa, relações exteriores e finanças são de responsabilidade exclusiva do governo do Paquistão.

Por fim, a Caxemira chinesa, com pouco mais de 40 mil km², tem apenas alguns milhares de habitantes e corresponde quase totalmente à área conhecida como Aksai-Chin. Pertencente à região autônoma do Tibete chinês é uma zona historicamente ligada à influência tibetana. Parte dessa região foi conquistada pela China à Índia em 1962.

A Índia defende uma concepção de Caxemira bastante ampla,




Caxemira geopolítica

Fonte: Adaptado de *Geopolíticas Asiáticas – Da Ásia Central ao Extremo Oriente*, Nelson Bacic Olic e Beatriz Canepa, São Paulo, Moderna, 2007, p. 48.



levando em conta considerações de ordem histórica. A Índia entende como Caxemira a totalidade dos territórios administrados pelo marajá da Caxemira no século XIX, monarca que obteve tais territórios por herança (Jammu), por compra (vale do Jhelum) e por conquista militar (Ladakh e Baltistão). Dentro dessa concepção geográfica mais ampla, o país reivindica a totalidade do território caxemir, inclusive as partes que atualmente estão sob o controle do Paquistão e da China.

Já o Paquistão tem uma concepção geográfica mais limitada que repousa sobre considerações socioculturais nas quais tenta estabelecer ligação direta entre a identidade nacional caxemir e a religião muçulmana. Por conta disso, o país não reivindica senão parte da Jammu-Caxemira indiana, considerando inclusive que as porções orientais da região — o Ladakh e o Aksai-Chin — não fazem parte da verdadeira Caxemira.

Todavia, se o governo do Paquistão vê oficialmente a questão sob o ângulo da identidade religiosa, pesam, de forma não oficial, os argumentos de ordem estratégica. Num eventual controle paquistanês sobre esses territórios, o país abriria novo acesso à China, uma tradicional aliada e, sobretudo, permitiria ao Paquistão controlar as fontes de quase todos os grandes rios que atravessam seu território, inclusive todo o médio vale do rio Indo.

Às dificuldades de delimitação geográfica da região se junta outra incerteza referente à existência da nacionalidade caxemir. Embora a maioria da população da região seja muçulmana, a Caxemira foi, ao longo dos séculos, um importante lugar para o hinduísmo e para o budismo, antes de iniciado o processo de expansão islâmica datada do século XIV.

Esse rico passado pré-islâmico não desapareceu totalmente, fato que pode ser comprovado pela presença de mais de 1,5 milhão de não-muçulmanos vivendo na região. Assim, a Caxemira caracteriza-se pela heterogeneidade linguística, cultural e étnica, fator que se reflete na dualidade das definições de caráter identitário. No interior dos movimentos que lutam contra o domínio da Índia, alguns privilegiam um combate de caráter religioso, o que expressa o desejo de integrar a região ao Paquistão. Outros, no entanto, lutam pela preservação da identidade nacional caxemir que busque independência num contexto pluriconfessional.

Mais de 60 anos após a independência da Índia e do Paquistão e do primeiro conflito entre os dois países a respeito da soberania sobre a Caxemira, muitas incertezas pairam sobre o futuro dessa conturbada região.